

JOSTEIN GAARDER

JUCA E OS
ANÕES AMARELOS

Ilustrações:
JEAN-CLAUDE R. ALPHEN

Tradução:
LUIZ ANTÔNIO DE ARAÚJO



Copyright © 2008 by H. Aschehoug & Co., Noruega

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Jonathan und die Zwerge aus dem All

Projeto gráfico

Jean-Claude R. Alphen

Composição

Lilian Mitsunaga

Revisão

Veridiana Maenaka

Ana Luiza Couto

Tratamento de imagem

Simone Ponçano

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gaarder, Jostein, 1952-

Juca e os anões amarelos / Jostein Gaarder ; ilustrações Jean-Claude R. Alphen ; tradução Luiz Antônio de Araújo. — São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2011.

Título original: Jonathan und die Zwerge aus dem All.
ISBN 978-85-7406-461-1

1. Literatura infantojuvenil 2. Alphen, Jean-Claude R. II. Título.

10-11879 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 028.5

2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletrinhas.com.br



Juca nunca gostou de ser o primeiro a chegar em casa. Mas, naquele dia, teve a impressão de que o apartamento estava ainda mais vazio que de costume.

Será que não era melhor telefonar para o pai no trabalho?

Ele entrou na sala e tirou o telefone do gancho. Estava sem linha. Mesmo assim, digitou o número do pai, mas o telefone continuou mudo.

Juca pôs a chave de casa no bolso e saiu de novo. Na escada, sempre havia gente subindo ou descendo. Ou alguém empurrando um carrinho de bebê no térreo. Mas, naquele dia, estava tudo em silêncio. O jeito era ele mesmo fazer um pouco de barulho, pensou Juca, batendo a mão no corrimão quando começou a descer do quarto andar.





Do lado de fora também não se via ninguém. Na espaçosa praça entre os prédios, um cachorro fuçava os canteiros de rosas; fora isso, tudo deserto.

Sempre havia crianças brincando no trepa-trepa do parquinho infantil. E, num dia bonito como aquele, tinha sempre muitos adultos sentados nos bancos perto do tanque de areia.

Juca começou a ficar com medo. Passou algum tempo correndo entre os prédios, depois foi para a rua. Mas lá, onde costumavam passar carros, ônibus e caminhões enormes, também estava tudo tão vazio e silencioso como na escada e na praça.

Onde havia se metido todo o pessoal que morava por ali?

Em frente ao supermercado, Juca avistou um pequeno aglomerado de bicicletas. Aproximou-se da porta e a empurrou. Ela se abriu, mas não havia viva alma em toda a loja.

Juca ficou andando à toa entre as gôndolas. Lembrou-se de que fazia tempo que não comia e, ao passar pela prateleira de frutas, pegou uma banana bem grande. Descascou-a e levou um susto ao descobrir algo escrito na parte interna da casca:



Ele não conseguia entender como era possível escreverem aquilo na parte de dentro de uma casca de banana. Ainda mais porque ela estava intacta, sem nenhum corte. Juca jogou a banana meio descascada no lixo junto à porta. Tinha perdido o apetite.

Saiu correndo do supermercado. De repente, avistou uma coisa amarela entre os carros no estacionamento.

Aproximou-se devagar, com muito cuidado, e se escondeu atrás de um dos automóveis. Esperou um pouco, então se levantou cautelosamente e espiou aquele vulto esquisito que passava do outro lado da janela do carro.

Era um anão!

Estava de macacão amarelo, e seu rosto também era amarelado. A pele parecia de borracha.

O anão estava sentado no asfalto. Tirou um dado do bolso e começou a jogar. O dado era tão grande que Juca conseguia ver perfeitamente o número que o anão tirava. Era o seis, sempre o seis.

Juca nunca tinha visto nada parecido com aquele anão amarelo. Ou melhor, tinha, sim: no tabuleiro do jogo Cobras e Escadas, que ganhara dos avós, havia uns anõezinhos parecidos. Dois deles estavam subindo uma escada, e os outros apareciam caindo em poços e tubos bem fundos.